

DOSSIÊ
INTÉRPRETES DO BRASIL E LEITURAS
CRÍTICAS



Consultando o Cascudo: gêneros textuais, escrita de si e interpretação do Brasil no Dicionário do Folclore Brasileiro de Luís da Câmara Cascudo

Durval Muniz de Albuquerque Júnior*

Resumo

Esse texto procura mostrar que o fato do *Dicionário do Folclore Brasileiro* ter se tornado uma espécie de metonímia da obra e da vida de Luís da Câmara Cascudo pode nos fornecer pistas para entendermos alguns aspectos importantes e definidores da própria trajetória de Cascudo como autor e como personagem da vida cultural brasileira e para entendermos a singularidade de sua maneira de construir uma dada interpretação do que seria a identidade nacional, do que particularizaria o ser brasileiro.

Palavras-chave: Dicionário do Folclore Brasileiro. Luís da Câmara Cascudo. Escrita de si. Interpretação do Brasil.

Abstract

In this text, I wanted to show that the fact that the Dictionary of the Brazilian Folklore became a sort of metonymy of the work and life of Luís da Câmara Cascudo, it can provide clues for us to understand some important and defining aspects of Cascudo's own trajectory as an author and as a character of the Brazilian Cultural life, and so that we

* Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

could understand the singularity of his way to build a given interpretation of what would be the national identity, which would particularize the Brazilian people.

Keywords: Dictionary of the Brazilian Folklore. Luís da Câmara Cascudo. The writing itself. Interpretation of Brazil.

“Me traga aqui o Cascudo”. Esse enunciado, presente em um texto homenagem escrito por Carlos Drummond de Andrade, talvez seja mais significativo do que pode parecer à primeira vista. Dele podemos inferir que o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, publicado em 1954, seria a obra mais conhecida de Luís da Câmara Cascudo, sua maior contribuição à cultura brasileira. Ela seria uma obra tão destacada, não só no interior da volumosa produção do erudito potiguar, mas também no interior da produção cultural e intelectual brasileira, que teria se tornado referência a ponto de personificar o seu autor. Ela sozinha resumiria todo o labor de uma vida, afirmaria de tal maneira a contribuição dada à cultura brasileira por parte de Cascudo, que podia ocupar o seu próprio lugar, podia assumir o seu nome, ser a materialização definitiva de seu nome de autor. Ao dizermos Cascudo, tanto poderíamos estar nos referindo ao homem de letras que um dia planejou redigir um dicionário em que reuniria em verbetes, as referências, definições, descrições daquelas que seriam as principais manifestações do folclore brasileiro, quanto poderíamos estar nos referindo à obra que resultou desse trabalho de recolha de informações, de anotações, de arregimentação de dados fornecidos pela literatura especializada, por informantes populares ou eruditos ou através de cartas e consultas feitas a outros especialistas da área do folclore de várias partes do Brasil. Por ser o que de mais representativo produzira, por ser uma espécie de resumo de todo seu trabalho, o *Dicionário* poderia vir a personificar o seu próprio autor e resumir toda a sua obra. Cascudo deixara de ser apenas um homem, para ser também um dicionário.

Neste texto procurarei mostrar que o fato do *Dicionário do Folclore Brasileiro* ter se tornado uma espécie de metonímia da obra e da vida de Luís da Câmara Cascudo pode nos fornecer pistas para entendermos alguns aspectos importantes e definidores da própria trajetória de Cascudo como autor e como personagem da vida cultural brasileira e para entendermos a singularidade de sua maneira de construir uma dada interpretação do que seria a identidade nacional, do que particularizaria o ser brasileiro. Não creio que esse gesto metonímico possa ter se concretizado sem que as práticas e atividades que levaram à elaboração do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, dissessem muito dos sentidos que o

próprio Cascudo deu à sua vida e a seu trabalho e, ao mesmo tempo, os sentidos que atribuiu ao que seria o folclore brasileiro e, por extensão, ao que seria o Brasil. Ele nasce de escolhas que são importantes para entendermos como Cascudo pensou o seu ser próprio, a sua identidade, aquilo que fazia e o como fazia, que afinal o definia como autor e que, ao se materializar em sua obra máxima, o materializou também, deu materialidade a uma dada forma de ser, de se conceber e de agir como homem de letras. Ao mesmo tempo, ele deu materialidade a uma dada identidade para o país, ele representaria a materialização do que seria o Brasil e sua cultura. O *Dicionário do Folclore Brasileiro* é uma espécie de acontecimento síntese, de ação que projeta uma dada forma de ser e de entender o ser próprio e o ser nacional. Ao escrever essa obra Cascudo sabia que estava se inscrevendo definitivamente como homem de cultura, em nossa sociedade. O corpus reunido no *Dicionário* é seu próprio corpo, é a possibilidade, sempre tão buscada por um intelectual católico, de eternidade de seu corpo, de presença constante de seu rosto, de seu nome, em meio a voragem do tempo, que tudo destrói. O gesto de arquivamento que ele materializa, é, ao mesmo tempo, o gesto de monumentalização de seu nome, de seu nome de autor e, ao mesmo tempo o gesto de materialização de um rosto para a nação e sua cultura. Defendo que a elaboração do *Dicionário do Folclore Brasileiro* é uma espécie de escrita de si, de inscrição de seu nome de autor e, por que não, de seu nome próprio na história da cultura brasileira, no mesmo movimento em que essa é instituída. A elaboração do *Dicionário* é um duplo gesto de memória, memória de todas as manifestações culturais, de todas as matérias e formas de expressão culturais que julga significativas da sociedade brasileira que vem ali reunir à memória de si mesmo. O *Dicionário do Folclore Brasileiro* vem alimentar e preencher o desejo de Luís da Câmara Cascudo de elaborar uma obra definitiva, uma obra imortal e imorredoura, uma obra que o imortalizasse, no mesmo instante em que imortalizava o que seriam os traços nucleares do ser brasileiro. Ao não deixar morrer sem registro tantas manifestações culturais que via ameaçadas de desaparecimento, é a ele mesmo e a uma dada imagem do Brasil que busca imortalizar, é a seu nome e ao de sua pátria, é a sua memória e é a memória nacional que ergue esse monumento.

O fato da obra pela qual Cascudo é mais lembrado ser um dicionário, diz muito sobre suas escolhas e sua trajetória no campo das letras, diz muito, afinal, sobre sua própria figura de autor, por isso mesmo ele pode vir a ocupar o lugar de seu nome. O

dicionário, assim como as enciclopédias, as antologias, as memórias são gêneros de escritos que surgiram numa dada época histórica precisa e que foram cultivados e praticados por Cascudo. Esses gêneros textuais emergem na passagem da Idade Média para o mundo moderno, a par com o desenvolvimento da imprensa e com novas formas de conceber a produção e transmissão dos saberes, com a emergência dos chamados humanistas, que começam a deslocar a centralidade dos textos religiosos na produção do conhecimento. O gênero dicionário emerge com os humanistas italianos e surge com a emergência das chamadas línguas vulgares e a necessidade de saber a equivalência das palavras dessas línguas no latim erudito. A necessidade de leitura da Bíblia e de sua versão para as línguas vulgares, notadamente após o movimento da Reforma Protestante, são outras motivações para o desenvolvimento dos estudos lexicográficos. A chamada lexicografia começou a se estruturar como campo de saber na primeira metade do século XVI, em vários centros humanísticos europeus, voltado para o ensino do latim, encontrando no desenvolvimento das técnicas tipográficas a condição determinante de sua configuração e difusão. O primeiro dicionário que leva esse nome foi publicado em 1502 na Itália e foi elaborado por Ambrósio Calepino. O curioso é que logo nesse primeiro evento o gênero dicionário também dá margem a essa mistura entre o nome do autor da obra e a própria obra, parecendo ser um traço desse gênero textual, pois bastava se referir ao Calepino para saber que se estava referindo ao seu dicionário. Assim como ocorre hoje com o Aurélio, e ocorreu com o Cascudo, o primeiro dicionário produziu a indissociabilidade entre o nome do autor e a própria obra. O dicionário do humanista Jerónimo Cardoso, *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*, publicado em 1562, marca o início da dicionarização em língua portuguesa, fixando a técnica de elaboração de qualquer dicionário em nossa língua, técnicas que Câmara Cascudo terá que adaptar para a redação de um dicionário de folclore, pois o levantamento das unidades lexicais, a referenciação do valor semântico de cada lexema e a fixação da sua imagem ortográfica terão que ser repensados quando os lexemas são não apenas palavras mas denominações de eventos, coisas, objetos, práticas, rituais, eventos do mundo da cultura dita folclórica, cuja semântica vai para além do significado das palavras, mas abarca os significados sociais e culturais que tais eventos possuem e cuja ortografia não se resume à forma como dada palavra é escrita, mas como dadas práticas culturais são realizadas, as

circunstâncias, contextos e séries de gestos e ritos que compõem uma dada manifestação cultural.

O gênero dicionário implica uma forma mais geral de conceber a produção do saber, explicita as regras que regem a produção do conhecimento nesse momento histórico preciso, aquele que vai do Renascimento até a emergência do Iluminismo, que Michel Foucault nomeará de episteme clássica. O dicionário é um gênero de produção de conhecimento que se articula com a concepção mais geral de que o saber é algo que se acumula, que nasce do inventário, ao longo do tempo, das contribuições de todos aqueles que antecederam aquele que produz no presente, que apenas acrescenta a sua contribuição particular, agregando as informações ainda não sabidas, anexando documentos e dados raros, inéditos, de primeira mão, preenchendo lacunas deixadas pelas produções anteriores, estabelecendo nova organização, disposição, distribuição, classificação para os conhecimentos e informações já acumuladas. O gênero dicionário, assim como o gênero antologia, nascem em uma episteme regida pela concepção taxinômica, classificatória do conhecimento. O conhecimento é um tesouro, um tesouro que se acumula indefinidamente e se aproveita da contribuição deixada por cada geração. Não prevalece nessa episteme a ideia de crítica, no sentido do estabelecimento de uma nova interpretação dos dados que invalide interpretações anteriores, o fundamental são os dados e seu enquadramento, sua classificação e ordenamento. O dicionário, diferente dos elementários ou léxicos medievais, que eram compilações de manuscritos sem adotar nenhum critério de classificação, adota a ordem alfabética como a forma privilegiada de organização, classificação e disposição em quadro de dados conhecimentos. A episteme clássica é presidida por um olhar de superfície, atento à diversidade do mundo e, ao mesmo tempo, em busca das similitudes e das semelhanças que podem as aproximar. Um olhar que busca nos seres as assinalações, os sinais, os índices que possam revelar parentescos, proximidades, hereditariedades e hierarquias entre as coisas. Assim como se busca as genealogias, as proximidades de sangue que dão unidade ao mundo político e social, se busca por toda a parte as familiaridades, os parentescos que aproximam as coisas, os seres. O saber clássico do qual é filho o gênero dicionário é, pois, um saber classificatório, presidido pelo colecionismo, pela produção constante de arquivos, é ele que dará origem a instituições como os museus e os arquivos, inicialmente no âmbito do

privado, para depois se tornarem instituições públicas e da nação, depois da Revolução Francesa.

O sujeito do saber clássico, o humanista, se define justamente por seu amor ao conhecimento, ele é um amador das coisas do mundo das letras. Não existe ainda a figura do especialista ou do profissional em dada área, muito menos a figura do intelectual. O sujeito do conhecimento na episteme clássica é o erudito, aquele que tem uma enorme curiosidade, cujo conhecimento abarca o que mais tarde serão saberes pertencentes a distintas profissões ou áreas de conhecimento. Como seu olhar é um olhar de superfície, a própria ideia da necessidade de um saber aprofundado ou profundo sobre dada coisa lhe parece alheio. O seu saber tem que ser vasto, tem que abarcar o maior número possível de territórios, tem que percorrer diferentes áreas. Sua mirada deve ser ampla o suficiente para dominar a maior extensão possível de informações, dados, conhecimentos. Por isso o erudito é uma espécie de colecionador de dados, de informações, de curiosidades, ele deve ser capaz de dominar e abarcar um volume imenso de conhecimentos. Ele deve ser um homem de visão ampla e largos horizontes, deve enxergar longe, deve ser capaz de vencer verdadeiros torneios em torno do dado raro e da informação inédita. O dicionário é uma espécie de arquivo, uma espécie de arca ou baú onde se coloca tudo aquilo que se sabe, tudo aquilo que se conhece, todo o conhecimento que os homens foram capazes de acumular até então, dando a estas informações uma organização, um ordenamento, uma classificação, uma hierarquia, facilitando a entrada e saída dos homens desse cipoal de dados e informações. O erudito clássico era um homem da ordenação, presidido pelo desejo de ordem, de hierarquia, de classificação, tal como a sociedade aristocrática, da qual era produto, se estruturava. O dicionário nasce da necessidade e desejo, socialmente produzidos, de dominar a maior quantidade possível de conhecimento e, ao mesmo tempo, dar a ele uma ordenação, uma hierarquia, uma classificação, fixando sentidos e significados, estabilizando dadas formas. O dicionário seria um gênero textual nascido desse desejo de arquivamento e, ao mesmo tempo, de monumentalização, de estabilização de uma dada ordem, nasce de um gesto de colecionismo e taxinomia, visando a preservação e a memória perene daquilo que é dicionarizado. Entrar para o dicionário, e daí a importância do gesto simbólico de se produzir um *Dicionário do Folclore Brasileiro*, é passar a ter sua existência reconhecida (palavra ainda não dicionarizada é como se não tivesse existência para a língua), a ter sua existência eternizada, é imortalizar,

é perpetuar dados sentidos e significados. Coerente com as regras que presidia a produção do conhecimento no momento em que emerge como gênero textual, os dicionários se pautam, normalmente, pela adição de novos sentidos e significados às palavras, que emergem com o uso da língua ao longo do tempo, acrescentando aos sentidos já previamente existentes, por isso, as palavras tendem a ter uma quantidade cada vez maior de significados, que vão sendo numerados à medida de seu aparecimento ou uso mais regular ou mais restrito.

Mas eu dizia que o fato de ter no *Dicionário do Folclore Brasileiro* sua obra mais conhecida e reconhecida diz muito da própria forma como Luís da Câmara Cascudo se pensou como homem de letras e como pensou sua obra. Ele foi uma das formas mais bem-sucedidas de uma escrita de si cascudeana. Mas por que afirmo isso? Creio que, embora tenha vivido no século XX, época em que a figura de sujeito do intelectual estava disponível e era aquela de maior prestígio, Câmara Cascudo se pensava, se via e praticava seu ofício mais como um erudito clássico, um humanista, do que como um intelectual no sentido moderno do termo, aquele sentido que emerge com o caso Dreyfus, no final do século XIX. Cascudo nunca se pensou como um especialista (embora tenha sonhado em ser cientista e ter um laboratório próprio) em uma dada área. Na área que fez sua formação, a do Direito, ainda imperava no Brasil uma formação bacharelesca que mais abria a oportunidade para a militância em distintas áreas do conhecimento do que significava propriamente um fechamento na atuação jurídica. Sua sede de conhecimento, sua curiosidade, sua vontade de acumular informações, de anotar e guardar dados curiosos, de descobrir documentos inéditos, de colecionar objetos e informações raras, de produzir livros ditados muito mais pelo desejo de registro, guarda, ordenamento, hierarquização e classificação das informações coletadas me parece aproximá-lo mais da figura do erudito clássico, do que da figura do intelectual moderno. Sua recusa constante da teoria, do conceito, certa recusa a interpretação e a crítica, vistas como deturpadoras do que considerava ser a informação virgem, o dado de primeira mão, o elemento original, as fontes puras do conhecimento, o distanciam da figura do intelectual moderno. Há na maioria das obras de Cascudo o mesmo gesto colecionista, de arquivamento, de preservação de dados conhecimentos que vai se potencializar e se expressar de forma mais nítida no *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Homem marcado, desde a infância, pela perda (perda dos irmãos, de seu laboratório imaginário, de seu principado do Tirol, de seu

jornal, de sua fortuna, de seu pai), Cascudo parece querer que nada se perca, ele a tudo quer guardar, dar guarida, acumular. Suas milhares de fichas de anotações terminam arquivadas no volumoso *Dicionário*, cujos rendimentos finalmente lhe trazem de volta a uma casa, a sua, a um lar, a um endereço definitivo, para viver toda a vida. Todas as manifestações culturais que ele enfeixou no *Dicionário* também passaram a ter, como ele, uma morada definitiva, um endereço ou um endereçamento definitivo para habitar. Nas casinhas em que cada matéria e forma de expressão cultural foi guardada e distribuída, a expressão de seu desejo de morada definitiva, seu desejo de casa ou de casulo que os ganhos do *Dicionário* vieram lhe proporcionar. O *Dicionário* terminou por ter o tamanho e o número de verbetes que a compra de sua morada definitiva requereu. O *Dicionário*, mais do que grande parte da obra de Cascudo, podemos dizer que foi uma produção caseira. A imagem da casa, para definir o próprio *Dicionário*, aparece na nota introdutória que escreveu para a segunda edição da obra, em 1959:

Tudo quanto colhi, recebi e li fica à disposição dos olhos dos leitores. A sabedoria, leitora e perguntadeira do autor, *represa-se totalmente nas paredes do DICIONÁRIO* [grifos nossos]. Não escapa a orientação de ser julgamento notório ou inconsciente do autor, naquela *autorité irrésistible des préférences personnelles*, de que fala Pierre Gaxotte.

Não creio ser mera coincidência as diversas referências e as inúmeras epígrafes que dedica a autores como Montaigne e Pascal, grandes nomes do período que Michel Foucault enxergou como dominado pela episteme clássica. Montaigne é um importante alterego de Cascudo, o grande sábio inventor do ensaio pessoal, da escrita de si a partir da escrita de sua relação com a natureza e com o mundo histórico, o grande leitor dos antigos, assim como foi Cascudo, e que retirava deles lições para a vida prática e ação pessoal. Ele encarna a figura do humanista, aquele livre-pensador que refletiu sobre a condição humana e que, como Cascudo, fez dos clássicos um guia para o comportamento no mundo contemporâneo. Ele correspondia à figura do sábio, que Cascudo tanto procurava ser. Um sábio que não abre mão de suas convicções religiosas, como Pascal, mas que procura integrar a curiosidade científica e a fé, grande dilema que parece ter dilacerado os anos de adolescência de Cascudinho.

Tanto em Montaigne, como em Pascal, vivendo numa época de questionamento da prevalência do saber religioso, com a emergência da figura do Homem no horizonte do conhecimento no Ocidente, com ele deslocando lentamente Deus do centro do mundo,

Cascudo os vai enxergar como homens de letras que, como ele, possuíram enorme curiosidade por tudo que diz respeito ao humano, mas que tiveram que lidar, ele mais intensamente ainda, com este progressivo alijamento de Deus do mundo, com sua ausência crescente das coisas terrenas e, portanto, com a presença cada vez mais ameaçadora da morte e da finitude de todas as coisas. Homens dilacerados, como ele, entre a fé e uma sociedade que se laiciza. Tendo profunda admiração por autores e obras que foram escritas em sociedades ditas pagãs, não dominadas pelo cristianismo, Cascudo verá nesses autores a mesma curiosidade e vontade de saber que o acicatava, neles via essa busca por uma extensão cada vez maior do conhecimento, como garantia mesmo da própria imortalidade. A emergência dos primeiros escritos que elaboram uma ideia de Eu, de uma subjetividade individual, de uma subjetividade que se elabora no trabalho sobre si mesmo, no trabalho de leitura, anotação, releitura, reprodução, guarda, ordenação, classificação, hierarquização de todo o saber que o homem foi capaz de produzir em dado tempo, espaço ou área, um sujeito que se ilustra, que se esclarece, que se humaniza à medida que tem acesso a todo tesouro de saberes acumulados pelos homens, exerce profundo fascínio sobre Cascudo que parece ter, ao longo de sua vida e de seu trabalho no campo das letras, buscado se construir, se imortalizar, repassando esse tesouro e a ele acrescentando todo o novo mundo, as contribuições de terras novas, como o Brasil, mundo que se abria, na mesma época em que vivera seus autores de preferência, tanto territorialmente, no caso de Montaigne, como intelectualmente, no caso de Pascal. Acrescentar ao tesouro do mundo o que seriam todas as produções culturais ditas folclóricas ou tradicionais de um país do Novo Mundo, como o Brasil, fazer uma obra que compilasse, que reunisse e organizasse os que os brasileiros haviam sido capazes de criar e de contribuir com os avanços da civilização e da cultura universal parece ser a grande ambição que presidiu a feitura do *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Nosso erudito, com pretensões de universalidade, parece ter colocado nessa obra seu próprio desejo de imortalidade para si e para as manifestações que ali reuniu. E efetivamente através do Cascudo, o Luís da Câmara Cascudo se fez imortal.

O *Dicionário do Folclore Brasileiro* diz muito, também, da forma como Luís da Câmara Cascudo via o Brasil, como definia o que seria a nossa contribuição própria e particular para a cultura e a civilização, quais manifestações culturais, que gestos, práticas e rituais definiam o que seria a identidade nacional, o nosso *ethos*, a nossa maneira de ser

e de estar no mundo. O *Dicionário* não compõe apenas um rosto e um corpo para Cascudo, mas também delinea o que seria um dado rosto e um dado corpo para a nação. Assim como a escolha do gênero dicionário diz muita da forma como ele via seu trabalho e como definia o seu ser de homem de letras, essa escolha também diz muito da forma como percebia a nação, que tipo de discurso ou representação julgava ser possível e necessário de ser usado para dar conta do que seria a cultura e a identidade nacionais. O gênero dicionário emerge a par com o surgimento dos primeiros Estados nacionais e com a definição e imposição do que seriam as línguas nacionais. O dicionário foi uma arma estratégica na consolidação das chamadas línguas vulgares como línguas representativas do que seria a particularidade de cada nação em contraposição à universalidade do latim. A luta dos Estados emergentes e seus grupos dirigentes contra o poder da Igreja Católica, do que dependeu a própria consolidação dos Estados-nação e das aristocracias reinantes, passou pelo abandono progressivo do latim como língua culta e a adoção e invenção dos idiomas nacionais, empresas nas quais o dicionarismo exerceu um importante papel. Não é estranho, portanto, para um erudito que se pensava como um humanista a serviço de sua pátria, que tenha escolhido o gênero dicionário para registrar o que seria um outro idioma, uma outra linguagem, uma outra maneira de dizer, de representar, de simbolizar o país. O folclore, para Cascudo, era também uma linguagem expressiva do que seria o espírito, o caráter, a alma nacional. Mais do que a língua, já que em nosso caso utilizamos uma língua que não é propriamente nossa, o léxico representado pelo que seriam as nossas manifestações folclóricas, pelo que seriam as nossas tradições, diria muito mais do ser do país. No caso do Brasil, um país que foi colonizado e adotou a língua do colonizador, sua maneira própria de falar e de se expressar se encontrava em sua literatura oral, em suas lendas, parlendas, rituais, festas, gestos, hábitos alimentares, costumes religiosos, ditados populares, chistes e piadas, nas cerimônias e formas artísticas e culturais populares. Essas manifestações culturais teriam contribuído, inclusive, com suas particularidades, para dotar a língua portuguesa falada no Brasil, de um cem número de vocábulos que eram propriamente nossos e que distanciavam a língua portuguesa falada aqui daquela praticada em Portugal. Ao colecionar em um dicionário todas as manifestações do que seria o folclore brasileiro, Cascudo pensava estar fazendo um dicionário mais brasileiro do que qualquer dicionário dedicado exclusivamente à língua portuguesa, onde apareceriam centenas de palavras que sequer seriam usadas ou conhecidas da população

brasileira. Ao arquivar manifestações culturais ditas folclóricas, ele, ao mesmo tempo, arquivava palavras, toda uma língua bastante específica e particular do país, à medida que o dicionário era composto pelas palavras ou conceitos que nomeavam essas manifestações, muitas delas de origem indígena ou africana, brasileirismos que constituíam uma linguagem propriamente nacional.

Creio que a escolha do gênero dicionário diz muito, também, da forma como Cascudo pensava o Brasil e sua identidade cultural. A interpretação que faz da história do país, a leitura que faz de nossa história cultural, é presidida, como em muitos outros intérpretes do Brasil, pela narrativa mestra representada pelo chamado encontro das três raças formadoras. Sendo fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, membro do Instituto Histórico Brasileiro, leitor da historiografia produzida por estas instituições e por outros Institutos Históricos, como o pernambucano e cearense, Cascudo adota a ideia de mestiçagem, sincretismo e amalgama das três raças como o mitos que atravessa a sua narrativa sobre a história e a identidade do país. Tendo sido formado, inicialmente, nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, para finalmente concluir seu curso superior em Direito na Faculdade de Direito do Recife, Luís da Câmara Cascudo adota, muitas vezes, uma visão biologizante, eugenista e racista das formulações em torno das raças. Suas simpatias pelo nazifascismo, a centralidade que conferiu à noção de evolução e de raça, bastante aguçados nos anos trinta do século passado, tendem a ir sendo nuançados e mediados pelo contato com a produção do campo da antropologia cultural e da etnografia, notadamente inglesa, francesa e norte-americana, pelo seu contato com estudiosos do folclore do mundo inteiro, dentro das atividades do panamericanismo e da solidariedade internacional diante da Segunda Guerra, levando-o a uma desconfiança cada vez maior do que chamava de teoria, quando se tratava da interpretação do que nomeava de fato ou dado folclórico. Refluindo de uma visão totalizante e totalitária do mundo, visão requerida pela própria condição de crente e católico, da qual nunca abriu mão, Cascudo parece ter se deslocado para uma visão fragmentária e empirista do conhecimento. Se o lastro positivista e romântico de sua formação parece nunca tê-lo abandonado, ele parece ter se distanciado das teorias de base racial, do evolucionismo e do social-darwinismo. No entanto, isso não significou o abandono da imagem, força do encontro, harmônico e hierárquico, das três raças como

aquela imagem síntese da história do país. Assim ele descreve o que seria seu método na nota introdutória para a segunda edição:

Assim, de mão ao peito, informo que encontrei no povo do Brasil o material desse DICIONÁRIO e todas as coisas aqui registradas participam indissolavelmente da existência normal do homem brasileiro. / Este não é apenas um livro de boa fé, *lecteur*, mas depoimento humano e fraternal do cotidiano, do natural, do imediato, do trivial, sem disfarce de festa, sonoridade de convenção, rumor de escola disputante. / Como professor de província, vivo longe da sedução irresistível das doutrinas sucessivas que se impõem aos devotos a mutabilidade incessante de deduções e até de mentalidades, tornadas incapazes de constituir pontos de referência para apreciação pessoal. / Guardo a independência tranquila, anônima e obstinada de não amarrar os olhos aos calcanhares de nenhuma entidade solar.

E conclui colocando o trabalho que realizou como um serviço à coletividade e à nação:

Quanto possa significar este DICIONÁRIO como trabalho individual, distante da informação bibliotecária e dos centros de consulta; a multidão de assuntos determinando definição, rumo, posição, nos limites dos verbetes; a explicação interpretativa, exigida e dada com cumplicidade de intenção serena, compreendem aqueles que fazem do próprio esforço uma dádiva em prol do comum, do coletivo e do nacional, indistinto.

A escolha do gênero dicionário, para dar forma a sua grande obra e à obra capaz de sintetizar o que era o país, parece ser, portanto, uma consequência da própria maneira como pensa a história do país e de sua cultura e da maneira como, cada vez mais, recusa e desconfia do papel da teoria e do conceito na produção do conhecimento. O *Dicionário do Folclore Brasileiro*, podemos dizer, é em si mesmo, enquanto gênero, um texto mestiço. Ele, que pretende dar conta do resultado do amálgama das contribuições culturais da três raças formadoras da nação, seria ele mesmo um ser mestiço, pois amalgamava técnicas e procedimentos voltados para a produção de um dicionário de uma dada língua, com procedimentos e técnicas empregadas para a produção de antologias, anais, relatos, relatórios de pesquisas folclóricas, com procedimentos e técnicas adotadas pelos relatos etnográficos, pelas enquetes antropológicas e sociológicas, pelos textos historiográficos. O gênero dicionário lhe pareceu o mais adequado para, ao mesmo tempo, dar conta do caráter diverso e composto do que seria o folclore brasileiro e para sintetizar o que seria a cultura nacional, o próprio ser da nação. O dicionário é um gênero narrativo que está atravessado por uma tensão inescapável entre o desejo de síntese e a tendência à

dispersão. Normalmente elabora-se um dicionário para sintetizar, reunir, unificar, padronizar, mas essa é uma empresa o tempo todo atravessada e assombrada pela ameaça da dispersão, do inacabamento, da fragmentação, do equívoco. Para Cascudo, do ponto de vista de sua identidade, o Brasil também era afetado por essa ameaça de fragmentação e perda de identidade, notadamente pelo fascínio que o cosmopolitismo e tudo que era estrangeiro exercia sobre nossas elites. Ao elaborar o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, no entanto, Cascudo não escapa dessa antinomia interna ao gênero. Embora tenha pretendido arquivar nele tudo o que podia ser visto como significativo do que seria o país, pretendendo ter abarcado a totalidade da produção folclórica nacional e, portanto, dado delineamento a seu todo, traçado os contornos, o perfil da nação, nele vemos um rosto da nação multifacetado, fragmentário e desconjuntado. Se, como diz na nota introdutória à terceira edição, de 1972, o Dicionário pretendia ser um “documentário da Cultura Popular Brasileira”, marcando entre o sucessivo, a existência do permanente na memória coletiva, portanto, o que seria característico e essencial, o que seria imutável no ser da nação, esse aparece, no entanto, fracionado em múltiplas formas de manifestações. O dicionário é um todo que por definição é precário e aberto, pois é apenas o registro de um dado momento da língua, que está sempre em movimento. No dicionário o equilíbrio entre seus elementos é precário (e as críticas sofridas pela empresa cascudeana, por falta de exaustividade, por ter omitido tais e tais coisas, pelo equívoco ou a sumariedade nas definições, pela falta de critério na escolha do léxico mostram o quanto é frágil a arquitetura final de um dicionário), eles sempre podem ser hierarquizados de formas diversas, podem ser valorados de distintas maneiras, significados de formas diferentes. Essa abertura e precariedade também vão fazer parte do universo cultural, daquelas manifestações, daquelas matérias e formas de expressão que são significativas para uma dada sociedade, que podem sempre perder o sentido ou ter seus significados alterados com o passar do tempo.

O dicionário como uma empresa de ordenação e conservação também implica uma dada visada ética e política. A escolha do gênero dicionário para constituir uma obra que seria um monumento a nacionalidade, diz muito também das posições éticas e políticas de Cascudo. Toda interpretação do Brasil, toda metanarrativa da nacionalidade é feita a partir de um dado lugar político e ético. Construir uma narrativa para o ser da nação implica uma dada escolha em torno das posições políticas em disputa no presente

nacional e um dado horizonte de expectativa, uma certa visão de futuro, do futuro que se quer para essa nação. As escolhas que se faz quando, no presente, se vai narrar o passado nacional, depende muito do tipo de futuro que se quer para essa nacionalidade. A escolha do gênero dicionário e, mais do que isso, o tipo de material que pretendeu dicionarizar, o material dito folclórico, diz muito da visão cascudiana acerca da nação. A nação para Cascudo nascia de uma empresa de ordenamento e conservação. Não haveria nação sem o estabelecimento e preservação de uma ordem nacional e sem a conservação dos valores, dos costumes, das práticas, dos rituais, das manifestações culturais que a particularizariam, que lhe dariam o espírito e a essência. Inventariar o léxico de eventos culturais que nos dava particularidade, depois ordená-lo, hierarquiza-lo e conservá-lo através de um dicionário seria a forma mesma de dar materialidade a esse ser da nação. Cascudo sendo um homem de posições conservadoras, tanto no campo da ética, como no campo político, ter adotado um gênero presidido pela ideia de conservação e ordenamento, para figurar o país, não me parece ser surpreendente. O dicionário nasce do desejo de alcançar aquilo que Deleuze e Guattari nomeou de significante despótico a par com a emergência do Estado absolutista. A simpatia de Cascudo por regimes de força ou mesmo pela monarquia talvez se relacione com esse desejo de saber totalizante e absoluto que a empresa da redação de dicionários implica.

Mas, como disse, nenhum saber despótico está livre de ser atravessado por devires minoritários. O próprio tipo de material escolhido por Cascudo para dicionarizar, as manifestações culturais do que chama de povo, parece exercer um ruído permanente em sua empresa. As críticas que recebeu, notadamente aquelas que o acusavam de não saber hierarquizar e privilegiar os assuntos ou temas realmente importantes, a entrada de eventos e manifestações sem importância ou de importância apenas localizada, a própria desordem na disposição do material, a falta de padronização dos verbetes (muitos deles parecem manter a ordem em que recolheu as informações em suas fichas), mostram que em toda ordem está presente e trabalhando a desordem, que em toda hierarquização há eventos que escapam. A própria imagem do Brasil, que aparece quando lemos o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, é de um país multifacetado, disperso, fragmentário, formado por diferentes territórios culturais.

A fragmentação geográfica e espacial que emerge do *Dicionário*, me parece advir tanto da própria forma de espacialização das manifestações culturais ditas folclóricas, que

se caracterizam por ocorrer em espaços específicos, por serem manifestações quase sempre locais ou no máximo regionais, quanto da própria forma como Cascudo tende a dividir o Brasil em regiões culturais. Creio que, se Gilberto Freyre projetou uma espacialidade regional como núcleo explicativo do país, se para ele a região canavieira do que ele nomeará de Nordeste era centro irradiador de sentido para todo nosso percurso histórico, Cascudo, que recusou, pelo menos oficialmente, o regionalismo freyreano, que quase sempre adotou a nação como o espaço de inscrição de sua produção, sempre teve uma visão localista da nação. Talvez pelo fato de ter ficado preso à sua província, talvez por nunca ter se deslocado para a capital ou para a área que se via e dizia centro da nação, Cascudo tende a ver a nação como um conjunto articulado de recortes geográficos particulares. Nos seus livros dedicados a fazer uma geografia, como *Geografia dos mitos brasileiros* e *Geografia do Brasil Holandês*, embora o espaço nacional seja a referência, a apresentação do material folclórico ou histórico, os recortes espaciais com que lida em sua narrativa tendem sempre a fragmentar o país em seus Estados ou mesmo em regiões como o litoral e o sertão, uma referência espacial constante em sua obra. Luís da Câmara Cascudo não parece ter uma imagem ou visão global da nação, toda vez que vai tratar do país tende a dividi-lo em múltiplos fragmentos. Ora, como dar conta de uma nação, como traçar uma imagem para um país que é composto de múltiplos retalhos, de múltiplos territórios, de múltiplas territorialidades? Creio que a escolha do gênero dicionário, para fazer essa obra de síntese, para permitir incluir toda essa diversidade e dar a ela um ordenamento, uma classificação, uma coexistência significativa foi uma decorrência dessa maneira localista de ver o país, que tem relação com o próprio localismo da vida, das ações e da obra de Cascudo. Obra de repercussão nacional e internacional, feita a partir das relações mantidas com intelectuais do mundo inteiro, ela, nem por isso, perdeu esse gosto pelo local, pela localização, que o próprio material dito folclórico trazia com ele.

Os estudos de folclore, como mais tarde os de cultura popular, nascem também como reação ao processo de dissolução das territorialidades locais, comunitárias, familistas, aristocráticas, estamentais pelos influxos dissolventes e desterritorializadores da sociedade do mercado, do mundo urbano e industrial, que se implantou no país, desde meados da segunda metade do século XIX. A constituição progressiva de uma espacialidade nacional e suas conexões internacionais trazidas pelos fluxos de capital e

mercadorias vão destruindo as solidariedades locais, vão destruindo a particularidade dos lugares e, inclusive, de suas atividades culturais. Foi na reação a esse processo que surgiram os estudos de folclore, aos quais Cascudo dedicou parte de sua vida. Esses estudos vão se empenhar em coletar, arquivar, preservar e divulgar matérias e formas de expressão, atividades culturais de caráter local, comunitário, familiar, rural, praticados e produzidos pelos grupos sociais que ainda continuam alijados do mercado de trabalho e de consumo capitalistas. Ao redigir o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Cascudo vai ter que recorrer, inclusive, a colaboração de uma rede de praticantes da pesquisa folclórica, justamente por esse caráter local dessas atividades culturais, que vão lhe enviar através de correspondência as informações que necessita sobre elas, já que muitas sequer havia visto pessoalmente. Empresa que advém de uma vontade de totalidade e totalização, de um desejo de abarcar todas as manifestações folclóricas do país e assim traçar um perfil definitivo e completo da realidade cultural do país, daquilo que daria a ele sua verdade e personalidade, ela termina por resultar numa imagem fragmentada e desconexa do país, num amálgama de espacialidades de dimensões diversas, recortadas e definidas a partir de critérios também divergentes. No entanto, isso não parece ter incomodado Cascudo, talvez por ele próprio sempre ter visto e dito o país a partir de uma perspectiva localista, provinciana, embora alimentada por informações nacionais e internacionais. O seu país, o Brasil que ele desenhou em sua obra, parece também merecer, como ele próprio tinha prazer em se definir, o epíteto de ser um provinciano incurável. O malogro, pelo menos momentâneo, de sua empresa e o seu caráter provinciano é admitido por ele na nota introdutória que escreveu para a primeira edição:

Para quem fizer o recenseamento das omissões e não análise do trabalho realizado, este “Dicionário” está incompleto. Não era possível fixar o Brasil inteiro no plano folclórico, mas, nos limites do conhecimento provinciano, registrar o essencial, o característico, dando um roteiro do material existente e mais facilmente consultado. As contribuições subseqüentes, noutras edições ou adendos, ampliarão a paisagem aqui esboçada.

Recebido em: 02/07/2015

Aprovado em: 10/08/2015